

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O PENSAMENTO
DE VASCO DE MAGALHÃES-VILHENA
A EDIÇÃO DOS SEUS DOIS PRIMEIROS *ESTUDOS INÉDITOS*

*Hernâni Resende*¹

(Antigo professor auxiliar convidado da
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

A homenagem que hoje prestamos à memória do Prof. Vasco de Magalhães-Vilhena (1916-1993) é – para o dizer de modo sintético e retomando as expressivas palavras de Eduardo Chitas – a homenagem a “um cidadão da *república das letras* que desde as Luzes europeias reúne, acima das fronteiras, homens do saber que contribuem para marcar o pensamento de uma ou de várias gerações”².

De facto, desde muito cedo, o racionalismo atraiu irresistivelmente a atenção de Magalhães-Vilhena, tendo sido à luz do materialismo dialéctico e da sua metodologia, que desenvolveu em Paris – num “contexto de real internacionalização (ou de uma internacionalidade vivida)” como já se escreveu com acerto³ – o seu árduo e decidido trabalho de investigação que fez dele, entre helenistas de alto gabarito, um especialista de reconhecido mérito no campo da Filosofia Antiga (e não só). Não surpreende por isso que numa entrevista de 1990, Magalhães-Vilhena se considerasse um *estrangeirado* na plena acepção sergiana da palavra. São dele estes dizeres elucidativos que têm como pano de fundo a opressão política e cultural que se vivia no país: “Antes de ter partido [para Paris em 1945], mesmo em Portugal, já me considerava um estrangeirado, no sentido em que Sérgio empregava a

¹ tatianaresende@letras.ulisboa.pt

² Eduardo Chitas, “Uma Obra de Interesse nacional”, *Vértice*, julho, 1990, p. 114

³ José Barata-Moura, “Magalhães-Vilhena, uma Primeira Publicação de Inéditos”, *Ler História*, n.º 53, 2007, p. 214.

expressão acerca de si próprio. Sempre considerei a cultura universal”⁴.

Efectivamente, para Magalhães-Vilhena, citando um seu estudo de 1944, a indagação filosófica nunca foi, propriamente, “o que diferenciava as culturas (ou melhor: as contribuições dos diversos povos para a Cultura), mas o que mais fortemente tende a dar relevo à sua unidade, a acentuar o seu carácter universal”⁵: Palavras em que ressoam estouttras de António Sérgio, de 1928, (nas vésperas do seu exílio, ou já expatriado em Paris), para quem o cosmopolitismo não era “a mania da uniformidade” mas “o respeito e o apreço dos outros adentro da cultura da humanidade em geral”⁶.

Vem assim a propósito evocar alguns aspectos da “formação intelectual” de Magalhães-Vilhena, lembrando o papel que nela desempenhou a descoberta da filosofia idealista (neokantista) de António Sérgio bem como o estreito convívio que manteve com ele (acontecendo isto num período não muito distante daquele em que também teve lugar a sua descoberta do materialismo dialéctico de Karl Marx).

Os testemunhos deixados em 1990 por Magalhães-Vilhena sobre António Sérgio e a sua Filosofia têm o condão, entre o mais, de concentrarem toda uma vida de estudo e de reflexão. Atente-se, por exemplo, nas seguintes palavras:

No domínio da Filosofia, o caso de Sérgio é ímpar na cultura portuguesa. Certos autores conimbricenses são importantes, exerceram até influência sobre Descartes e por ele são citados, mas é discutível se tratam de Filosofia de tal modo se ocupam da Teologia. Posso dizer que Sérgio foi o único autor português que exerceu uma forte influência na minha formação intelectual. Embora tivéssemos ideias absolutamente distintas, em muitos aspectos concordávamos, por exemplo, na defesa do racionalismo e na aversão pelo irracionalismo⁷.

Desta citação, o passo respeitante às “ideias absolutamente distintas” aponta abertamente para um período em que a análise da filosofia de Sérgio já

⁴ Maria Ivone de Ornellas de Andrade, “Vasco de Magalhães-Vilhena, um Pensador Marxista”, in *Filosofia. História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*. Coordenação de Eduardo Chitas e Hernâni Resende, Lisboa: Editorial Caminho, 1990, p. 340.

⁵ Vasco de Magalhães-Vilhena, “Filosofia e Cultura”, separata de *Brasília*, Coimbra, vol. III, 1944, p. 6

⁶ António Sérgio, “Considerações sobre o Problema da Cultura” [1928]. *Obras Completas. Ensaios*, Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1972, t. VII, p. 38.

⁷ Maria Ivone de Ornellas de Andrade, *op. cit.*, p. 335.

se concretizara numa série de 7 estudos que marcaram a nossa investigação filosófica⁸. No entanto, na mesma entrevista, outros passos reflectem ainda um pouco da emoção que causou no muito jovem Magalhães-Vilhena a descoberta da revista *Seara Nova* e do pensamento de Sérgio (do seu racionalismo se assim se preferir):

[...] sou sobrinho de um antigo jurista e membro do Tribunal Internacional de Haia, o Prof. Barbosa de Magalhães, demitido da Faculdade de Direito por um decreto de Salazar. Meu tio possuía uma biblioteca riquíssima, de milhares de volumes, e foi nela, ainda muito jovem, que encontrei uma revista diferente, branca com letras a preto, chamada *Seara Nova*. Como meu tio tinha toda a colecção, acabei por ler todos os números. Essa leitura levou-me até Sérgio e ao grupo da *Seara Nova*⁹.

Segundo a pertinente observação de António Melo: “a leitura dessa revista molda a sua consciência social e consolida o seu interesse pela política, influenciando o seu caminho para a Filosofia”¹⁰. Entretanto Sérgio continuava desterrado em Paris – e só em 1933, após o regresso ao país, Magalhães-Vilhena pôde conhecê-lo pessoalmente¹¹. Em 1934, Sérgio já o convidava para colaborar regularmente na *Seara Nova*, tendo-lhe mesmo pedido para organizar um número especial da revista dedicado a Antero de Quental. E em 1935 a *Seara Nova* publicava o primeiro artigo de Magalhães-Vilhena: “A Luta pela Inteligibilidade no Pensamento Grego” onde se faz sentir a leitura de Léon Robin, mas também onde, a propósito de Heraclito, como sublinha Magalhães-Vilhena, já há referências (diria eu que importantes) “relativas à interpretação da dialéctica materialista”¹². É pois de crer que por essa altura, o “aspecto activo, desenvolvido de modo abstracto”, pelo racionalismo idealista do neokantismo de Sérgio (utilizando palavras da primeira das *Teses sobre Feuerbach* de Karl Marx) já começasse a ser considerado à luz crítica das diferenças gnosiológicas e metodológicas que distinguem o materialismo dialético de Marx do racionalismo idealista crítico de Sérgio.

⁸ Ver I- Bibliografia de Magalhães, in *Filosofia. História. Conhecimento* [...], ed. cit. pp. 21-24.

⁹ Maria Ivone de Ornellas de Andrade, *op. cit.* p. 336

¹⁰ António Melo, “Magalhães-Vilhena, Esboço de um Retrato” in, *Filosofia. História. Conhecimento* [...], ed. cit. p. 302.

¹¹ Maria Ivone Ornellas de Andrade, *op. cit.*, p. 335.

¹² *Idem*, p. 333.

Foi decerto num contexto teórico desta natureza (mas mais “evoluído”) que pode ter ocorrido uma discussão entre os dois amigos sobre filosofia, à qual Magalhães-Vilhena se referiu várias vezes. Dada a importância “fundadora” da discussão, tentei por minha parte reconstituí-la, visto apresentar-se como um “arquétipo” dos estudos que Magalhães-Vilhena foi fazendo sobre a filosofia de Sérgio. A discussão teve muito significativamente como ponto axial a filosofia de Parménides¹³. Levando em conta os aspectos eruditos que envolveram a discussão, é provável que tenha ocorrido durante os estudos universitários de Magalhães-Vilhena (ou mesmo depois)¹⁴. Em todo o caso, a comunicação de Manuela Bernardino na Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena, na Faculdade de Letras, intitulada “Vasco de Magalhães-Vilhena – Filósofo e militante comunista”, deu a conhecer que a adesão deste ao Partido Comunista Português, clandestino desde 1926, ocorreu no “início dos anos 30 quando era estudante desta Faculdade”. António Melo avança, por seu lado, a data de 1932¹⁵ o que nos remeteria para os últimos anos do liceu. Não são todavia abundantes, as informações sobre o contexto político e cultural (incluindo amizades onde despontava o neorrealismo) que propiciou, ao muito jovem Magalhães-Vilhena a sua entusiástica descoberta do marxismo. Sobre esse recuado período da sua formação intelectual já tive igualmente oportunidade de me pronunciar.

Diga-se ainda que o acesso e a apropriação crítica da doutrina de Marx nos anos de 1930 se processavam em condições desfavoráveis que viriam a piorar com o deflagrar da Guerra em 1939. Os autores viam-se constrangidos com frequência a recorrer nas suas obras a perífrases e malabarismos vários.

É assim que, ao referir-se em 1990 à sua tese de licenciatura *Progresso História Breve de uma Ideia*, publicada em 1939 – a primeira obra editada em Portugal “de orientação nitidamente marxista”, como reconheceu então Bento de Jesus Caraça – Magalhães-Vilhena não deixa de sublinhar que “as coisas” tiveram de ser feitas “de uma certa maneira, citações em que o nome do autor está truncado, até referências inexatas”¹⁶. Magalhães-Vilhena evoca ainda outro exemplo da mesma índole no seu

¹³ Hernâni Resende, “Prefácio do Editor. A Permanência de um Diálogo”, Vasco de Magalhães-Vilhena, *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Génese e Estrutura. Raízes Gnosiológicas e Sociais. Estudo de História Social das Ideias*. Edição, Prefácio e Notas de Hernâni Resende, Lisboa: Edições Colibri, 2013, pp. 13-17.

¹⁴ *Idem*, p. 12, nota 12 e p. 16, nota 23.

¹⁵ António Melo, *op. cit.*, p. 302.

¹⁶ Maria Ivone de Ornellas de Andrade, *op. cit.* p. 334.

trabalho de 1936 *A Arte e a Vida Social*.¹⁷ Mas com a Guerra que obrigou Magalhães-Vilhena a renunciar à utilização duma bolsa para a universidade de Cambridge, a fim de estudar as implicações filosóficas dos novos fundamentos da Ciência, e com o seu intento, derivado da situação que assim se criou, de ingressar na carreira universitária do país, a situação de Magalhães-Vilhena como investigador marxista não melhorou.

Não surpreende, por isso, que Eduardo Chitas no seu bem documentado estudo, “Um Caminho Interceptado: O Jovem Magalhães-Vilhena e o Tema da Unidade da Ciência”, sobre a obra *Unidade da Ciência. Introdução a um Problema* de Magalhães-Vilhena, publicada em 1941 como dissertação (recusada) de doutoramento em Filosofia na universidade de Coimbra, tenha deparado com um autor que recorria a redobradas cautelas (talvez inesperadas para Eduardo Chitas) que se reflectiam na própria investigação e na estrutura da obra. Esses reflexos fazem-se sentir na própria utilização de textos de Marx e de Engels, “jamais nomeados”. Por exemplo, Magalhães-Vilhena utiliza um texto em português extraído dos *Manuscritos Económico-Filosóficos* de 1844 de Marx, redigidos em alemão, sem referência à sua proveniência¹⁸. E mesmo se recorre a obras de cientistas ingleses e franceses adeptos do materialismo dialéctico, o caso é que, por alguma razão que escapa, inseriu antes do Preâmbulo um texto em inglês, sem menção de autor, que Eduardo Chitas crê poder atribuir ao cientista britânico J. D. Bernal¹⁹.

Porventura por aquelas e outras razões, as palavras de abertura do estudo de Eduardo Chitas soam, até certo ponto, a advertência ao começarem por declarar que o estudo de Magalhães-Vilhena:

Pela intenção expressa de tese universitária no início dos anos 40 em Portugal, pelo modo de tratamento dos problemas e mesmo pelo enunciado dos fundamentos da unidade da ciência, só limitada e indirectamente pode esta obra [*Unidade da Ciência...*], a meu ver, ser classificada de marxista²⁰.

Da grande prudência de Magalhães-Vilhena e das consequências que daí advieram para a investigação, Eduardo Chitas conclui que:

¹⁷ *Idem*, pp. 333-334

¹⁸ Eduardo Chitas, “Um Caminho Interceptado: O Jovem Magalhães-Vilhena e o Tema da Unidade da Ciência”, in *História da Pensamento Filosófico Português*. Direcção de Pedro Calafate, vol. V, *O Século XX*, tomo 2, p. 223.

¹⁹ *Idem*, pp. 222-223

²⁰ *Idem*, p. 222

o autor entendeu em geral não ir mais além; quando o fez, ou se expôs (e *o pouco* podia já ser *de mais*) ou disse ainda de menos na sua “língua de Esopo”, em prejuízo da clareza e da consistência argumentativas, mas também da amplitude e da novidade de informação²¹.

Tendo sido enfim admitido em 1942, como assistente da Faculdade de Letras de Coimbra Magalhães-Vilhena, vê o novo tema por si proposto para a dissertação de doutoramento ser mais uma vez recusado. Magalhães-Vilhena parte então em Dezembro de 1945 para a Sorbonne, como bolseiro, a fim de preparar a dissertação subordinada ao tema que fora recusado em Coimbra: *Le Problème de Socrate. Le Socrate historique et le Socrate de Platon* (tese principal) que, juntamente com a tese complementar, *Socrate et la légende platoniciennne*²² lhe conferem o *Doctorat d’Etat, ès Lettres* e lhe abrem as portas de um rápido reconhecimento internacional. Magalhães-Vilhena, como é bem sabido, colaborou enquanto investigador do *Centre National de la Recherche Scientifique* no *Centre de Recherches sur la Pensée Antique* (de Pierre-Maxime Schuhl) na Sorbonne, no *Centre d’Etudes Sociologiques* (de Georges Gurvitch) e no *Centre de Psychologie Comparative* (de Ignace Meyerson) na Ecole des Hautes Etudes, primeiro como *attaché de recherches* e depois como *chargé de recherches*.

*

Para um rápido apanhado do pensamento filosófico de Magalhães-Vilhena recorro às palavras de abertura da primeira homenagem pública que lhe foi prestada no seu 70º aniversário, depois de ter terminado já a docência na Faculdade de Letras²³.

Aí, nessas palavras, sublinha-se sinteticamente que Magalhães-Vilhena é um filósofo para quem “os problemas filosóficos da história, os problemas históricos da filosofia, a historicidade do conhecimento humano considerado na sua vinculação à prática social (e à ciência dessa prática) desempenham um papel de primeira importância no estilo

²¹ *Idem*, p. 223.

²² As teses foram publicadas em tradução portuguesa pela Fundação Calouste Gulbenkian: a principal, em 1984, e a complementar em 1998 à qual o Autor acrescentou um subtítulo: “A Idealização de Sócrates e o Utopismo Político de Platão”. Infelizmente Magalhães-Vilhena já não pôde corrigir as provas, tendo o volume sido publicado com inúmeros erros e gralhas, designadamente no respeitante às citações em língua grega, que dificultam imenso a leitura.

²³ Eduardo Chitas e Hernâni Resende, in *Filosofia, História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*. (Coord.de Eduardo Chitas e Hernâni Resende), ed. cit.

de trabalho e no modo dialéctico de pensar, assim como em todo o campo de aplicação do conhecimento correspondente a essa conexidade de problemas” situados na intersecção das ciências da sociedade e da reflexão filosófica²⁴. Ideias estas que foram corroboradas por Magalhães-Vilhena na sua entrevista de 1990: “Na verdade – diz aí – a filosofia dialéctica tem estado no centro dos meus estudos, tem sido sempre o rumo do meu modo de pensar e de actuar”. Segundo Magalhães-Vilhena, o marxismo, o materialismo dialéctico, é uma doutrina em constante desenvolvimento, aberta, “uma doutrina que explica a sua génese historicamente”, ideia que é de Engels. E prossegue: “Sempre li Marx do ponto de vista histórico, quer dizer, procurei situá-lo no tempo e ter em consideração tanto o conhecimento da época como as suas polémicas”[...]“As chamadas Teses sobre Feuerbach, por exemplo, só podem compreender-se à luz do conhecimento aprofundado dos autores daquele tempo”.

Este seu historismo de método (historismo e não historicismo) assenta num respeito escrupuloso “pela matéria de facto como condição indispensável para atingir a essência dos fenómenos e dos processos considerados na sua pluridimensionalidade” – e constitui uma “das eficazes bases do seu dialéctico modo de pensar. E por isso mesmo que são pluridimensionais é que os fenómenos e os processos que ele estuda” com rara profundidade crítica e erudição “são de todo em todo irreduzíveis a um receituário pseudodialéctico, ‘passe-partout’ fornecedor de soluções e frases feitas: A ‘muleta dialéctica’ (‘béquille dialectique’) como ironizou²⁵, também ele irreduzível nesta sua posição científica de princípio, que franqueia as portas ao redimensionar da própria doutrina”, para citar as palavras finais do meu prefácio à edição crítica dos *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga* (2005) de Magalhães-Vilhena a que regressarei adiante. O marxismo, no entender de Magalhães-Vilhena, “é uma doutrina que não se encontra condicionada por uma intuição fundadora, fora ou acima da história, de teor teleológico ou não, mesmo quando essa se apresenta sob uma forma particularmente dinâmica, por exemplo, enquanto ‘ideia absoluta’ ou ‘razão universal’ (Hegel)”.

Este rápido sobrevoo do pensamento filosófico de Magalhães-Vilhena deixa intocados muitos outros assuntos e temas que começam a ser alvo de estudos, como por ex., a temática abordada no estudo de Armando Castro,

²⁴ Ver Eduardo Chitas e Hernâni Resende in “Nota Prévia”, *op. cit.*, p. 16

²⁵ Hernâni Resende, “Prefácio do Tradutor”: Vasco de Magalhães-Vilhena, *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga*, Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, p. LIII.

“Sobre a filosofia como tipo autónomo de conhecimento na obra de Vasco de Magalhães-Vilhena”²⁶.

*

Antes de me ocupar das edições dos dois primeiros estudos inéditos de Magalhães-Vilhena, às quais me dediquei – e que constituem a segunda parte desta intervenção – permitam-se-me algumas palavras de índole pessoal.

Ainda estudante, no exílio, conheci o Doutor Vasco de Magalhães-Vilhena em Paris, a quem fui apresentado em 1966 por meu pai. Guardo desse encontro a memória indelével duma conversa cativante, profunda e calorosa que me marcou.

Mais tarde, a partir de 1970, estando a preparar a dissertação para doutoramento com o Prof. Albert Soboul na universidade de Paris I – Sorbonne, sobre questões relativas ao pensamento igualitário na Revolução Francesa, tive o privilégio e o prazer de privar e colaborar com Magalhães-Vilhena em Paris.

Esse trabalho conjunto abrangeu temas variados, respeitantes alguns à sua vasta monografia sobre António Sérgio, publicada postumamente em 2013; outros a uma edição (em português) de estudos sobre o socialismo utópico, que não chegou a concretizar-se; outros ainda ligados com a vasta obra que Magalhães-Vilhena estava a preparar sobre Trotsky e para a qual traduzi em português textos de Lênine, sem ter podido revê-los estilisticamente porque entretanto sobreveio a Revolução de 1974. As conversas versavam frequentemente temas teóricos (lembro, por ex., uma sobre o pensamento de Louis Althusser então muito em voga), mas acontecia espriarem-se também por recordações da sua vida.

Regressados a Portugal em 1974, a colaboração prosseguiu, quer no âmbito da Faculdade de Letras de Lisboa, quer em sua casa à rua Antero de Quental, em longas conversas e sessões de estudo. Magalhães-Vilhena teve a bondade de me recordar em 1981 esses tempos e a “funda amizade de sempre, nascida e consolidada em tantos anos de reflexão e de trabalho em comum desde o exílio já distante, mas sempre vivo de Paris...”. Esse trabalho em comum prolongou-se quase até o fim da sua vida em 1993.

E foi precisamente nesses últimos anos que Magalhães-Vilhena se referiu várias vezes ao seu profundo pesar por deixar inacabada a monografia sobre a Filosofia de António Sérgio, por ele intitulada: *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Génese e Estrutura. Raízes Gnoseológicas e*

²⁶ Armando Castro, “Sobre a Filosofia como Tipo Autónomo de Conhecimento na Obra de Vasco de Magalhães-Vilhena”, in *Filosofia. História Conhecimento*, ed.cit. pp. 73-86.

Sociais. Estudo de História Social das Ideias. Investigação na qual trabalhou mais de vinte anos, intermitentemente, de 1965 até o início dos anos 90, sugerindo então que eu estaria apto a levar a cabo a morosa e difícil tarefa de preparar aquele trabalho para publicação, por conhecer bem o seu pensamento.

A edição dos primeiros *Estudos Inéditos* de Magalhães-Vilhena:
a) *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga*. (ISBN-972-31-11187)

Além da importante biblioteca recentemente acolhida na Faculdade de Letras de Lisboa, Vasco de Magalhães-Vilhena deixou um espólio literário importante que após a morte de sua esposa Hélène Lanièce de Magalhães-Vilhena em 1996, foi inventariado por Eduardo Chitas e por mim, seus colaboradores e amigos desde o exílio.

O resultado desse trabalho foi consignado por ambos num *Relatório sobre a Obra do Prof. Doutor Vasco de Magalhães-Vilhena*, onde se punha em evidência que “os trabalhos inéditos formavam com a obra publicada um todo orgânico, em que eram os mesmos os campos de problemática, o estilo de trabalho, bem como a relevância nacional e internacional”. Tendo apresentado o *Relatório* ao Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins, então Director do Serviço de Educação da Fundação Gulbenkian, este reteve para publicação, um conjunto de estudos relativos ao pensamento filosófico da Antiguidade, redigidos em francês com citações noutros idiomas, a que os signatários do *Relatório* deram o título de *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga*.

Dediquei-me então à preparação da sua edição crítica que comporta, para além da tradução portuguesa dos originais franceses e das citações, um aparelho crítico constituído por prefácio, anotações, e notas sobre os originais.

O trabalho editorial do volume (publicado em 2005) pôde contar ainda com informações sobre a génese de alguns trabalhos inéditos fornecidas ocasionalmente pelo autor e, após 1993, por Hélène de Magalhães-Vilhena que planeava dar continuidade ao projecto não realizado em vida do marido, de aprontar para publicação alguns trabalhos de maior relevância. Os Estudos abarcam temáticas muito variadas embora o seu estado de acabamento seja bastante desigual. Enumero-os sumariamente, começando por um conjunto de três trabalhos dos quais dois estão em orgânica conexão com as teses de Doutoramento, quer pela teoria e pelo método, quer pela temática, embora tendo acabado por não as integrar devido a conjunturas diversas:

1) *Platão e as Incidências Sociais do Platonismo*, de 67 páginas, com data provável de 1948. O estudo pode ter sido uma primeira variante do capítulo IX da tese complementar *Socrate et la légende platonicienne*.²⁷ A presente investigação tem por objectivo estudar, à luz da sociologia do conhecimento, características teóricas fundamentais do idealismo platónico, tais como a cesura existente entre o mundo material e o espiritual – procurando chegar à raiz social dessa característica fundamental do idealismo platónico.

2) *Platão, Aristófanes e o Sócrates Histórico*, de 109 páginas (data provável: 1947/1948). Este Estudo sofreu intervenções posteriores, datadas de 1966 e dos anos de 1980. Trata-se de uma análise que assenta, como Magalhães-Vilhena nos habituou, numa erudição crítica exaustiva, centrada sobretudo no testemunho que o comediógrafo Aristófanes deixou sobre Sócrates, na peça *As Núvens*. A análise desse testemunho pôde contar assim com a experiência metodológica entretanto desenvolvida por Magalhães-Vilhena na investigação das teses de doutoramento.

Deixo aqui algumas breves observações sobre este texto:

Os resultados promissores a que chegou Magalhães-Vilhena com o seu trabalho sobre *As Nuvens* de Aristófanes, em relação ao que pode ter sido: 1 – o pensamento inicial de um Sócrates, ainda jovem, perto da democracia ateniense e eventualmente próximo dos primeiros sofistas e dos filósofos naturalistas; 2 – o ulterior despertar do seu interesse pela “psychê” e pelos seus problemas filosóficos; esses resultados pareciam entreabrir aos filósofos e historiadores novas perspectivas de pesquisa, tais como a indagação do complexo de razões doutrinárias e sociais (por exemplo, as modificações profundas verificadas na democracia ateniense a partir da morte de Péricles e da Guerra do Peloponeso) que podem ter contribuído para a evolução do socratismo de Sócrates²⁸.

O terceiro e último Estudo encontra-se igualmente em conexão teórica e metodológica com as teses, mas distancia-se delas tematicamente. Trata-se, salvo erro, do seu primeiro estudo tornado público em França e chama-se:

²⁷ Aproveito para fazer uma retificação: No meu “Prefácio do Tradutor” ao volume *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga*, de Vasco de Magalhães-Vilhena, diz-se por lapso que o estudo inédito “Platão e as Incidências Sociais do Platonismo” pode ter sido uma variante do cap. X da tese complementar, quando na verdade deve ler-se: capítulo IX.

²⁸ Na actualidade, ver, por ex. o trabalho de Theocharis Kessidis, *Socrate*, Moscou: Éditions du Progrès, 1982, que parece ter em atenção essa via de pesquisa.

3) *Sobre a Segunda Hipótese do Parménides e as Origens da Dialéctica Hegeliana. Ensaio sobre a Pré-História da Dialéctica Materialista*, de 16 pp. Foi apresentado em 1947 no grupo de trabalho sobre filosofia grega do Prof. Jean Wahl (um dos melhores especialistas franceses de então da Filosofia de Hegel), na *Ecole Normale Supérieure*. José Barata-Moura fez uma importante análise deste trabalho, em 2007 na sua recensão crítica “Magalhães-Vilhena: Uma Primeira Publicação de Inéditos”²⁹.

É ainda de citar um estudo sem título ao qual Eduardo Chitas atribuiu muito a propósito o de: *A Lógica, a Ciência e a Técnica na Antiguidade*. Tem 25 páginas e possivelmente foi escrito entre 1963 e 1967. O estado inacabado deste trabalho é evidente. Contudo o leitor dispõe com ele de um suplemento de informação sobre a preparação da série de estudos “ dos anos sessenta do século passado que tiveram larga e merecida repercussão internacional, sobre a ‘blocagem’ social do desenvolvimento técnico e científico na cidade antiga”, como escreveu José Barata-Moura³⁰.

Finalmente os *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga* contêm um conjunto de apontamentos para intervenções públicas, esboços de trabalhos futuros, notas, anotações de trabalho, que rondam umas 70 páginas e que contêm um sem número de sugestões para pesquisas futuras. Este acervo documental permite em simultâneo – retomando uma expressão conhecida – ter acesso directo ao laboratório de Magalhães-Vilhena.

Termino esta rápida resenha dos trabalhos dos *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga*, respigando algumas ideias da conscienciosa leitura que José Barata-Moura fez, em 2007, desta colectânea. Para ele esta publicação dos *Estudos* permite “adquirir uma noção exacta da verdadeira dimensão da obra de Magalhães-Vilhena”, “esclarecer, completar e situar melhor – na sua génese, nos seus enquadramentos e [...] em algumas hesitações, um conjunto de filosofemas que Magalhães-Vilhena desenvolve em outros escritos dados formalmente à estampa”. Eles permitem “detectar, ao longo de variadas anotações aquilo a que [se poderia chamar] verdadeiros (e por vezes preciosos) ‘condensados de pensamento [...]’”. A título de exemplo, José Barata-Moura fala do ‘enquadramento social e ideológico da ciência’ [...], da importância da questão da percepção do tempo nos diversos estádios do

²⁹ In *Ler História*, n.º, 53, 2007, pp 217-221.

³⁰ *Ibidem*, p. 216.

desenvolvimento histórico, do lugar da mulher na divisão do trabalho”³¹.

a) A Monografia: *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Génese e Estrutura. Raízes Gnosiológicas Sociais. Estudo de História Social das Ideias*.³²

Foi o pesar já aqui referido de um grande Amigo e a sua esperança de que eu pudesse levar a cabo o enorme trabalho de preparação para publicação de uma investigação que durara com alguns intervalos mais de vinte anos, que me deu ânimo para meter ombros a um labor crítico penoso, moroso e de grande responsabilidade. Iniciei-o em 2006. Em 2013 a monografia de 550 páginas era enfim publicada, contendo um prefácio, um aparelho crítico e índices da minha autoria num total de umas 75 páginas. A edição contou ainda com o apoio da Cátedra a Razão, da Universidade de Lisboa, e da Fundação Internacional Racionalista da qual fazia parte Eduardo Chitas, a quem se ficou a dever um notável esforço de coordenação e a quem presto aqui a minha mais sentida homenagem. Vinte anos haviam no entanto passado sobre o falecimento de Vasco de Magalhães-Vilhena, recheados de múltiplas e imprevisíveis peripécias.

E não vejo melhor maneira de terminar esta comunicação do que lembrar passagens do meu prefácio (“A Permanência de um Diálogo”) àquela Obra.

[...] Um dos traços comuns à obra de Sérgio e de Magalhães-Vilhena é justamente a atenção que ambos prestaram à dimensão *crítica* do pensar, ao processo de investigação, ao método, à indagação – rasgo que constitui a essência mesma do ensaísmo de Sérgio [...]³³. Dessa lúcida comunhão de espírito brota, certamente, o fervoroso apelo de Magalhães-Vilhena para que se tente prosseguir a impulsão criadora de que saiu a obra de Sérgio e para que “num surto fecundo de pensar *efectivo* [...] se ouse enfim atentar reflectidamente nos ensinamentos positivos que ela indubitavelmente contém [...] e discuti-la sem compromissos ideológicos impossíveis, mas com largueza de ânimo, o espírito e o respeito que um pensamento com a sua valia exige³⁴.

³¹ *Ibidem*, pp. 215-217

³² Vasco de Magalhães-Vilhena, *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Génese e Estrutura. Raízes Gnosiológicas e Sociais. Estudo de História Social das Ideias*. Edição, Prefácio e notas de Hernâni Resende, Lisboa: Edições Colibri, 2013. (ISBN 978989-689-235-7) A Monografia foi apresentada a público com uma alocução proferida por José Barata-Moura na Faculdade de Letras de Lisboa.

³³ Hernâni Resende, “A Permanência de um Diálogo”, *ibidem*, p. 42.

³⁴ Vasco de Magalhães-Vilhena, in *op. cit.* cap. V, “Um Idealista no Mundo Real”.

RESUMO

O tema deste artigo – as duas primeiras edições críticas de inéditos de Magalhães-Vilhena – é antecedido por um sobrevoo do seu pensamento: o marxismo, o neokantismo nos anos 30 e, depois de 1945, os seus trabalhos na Sorbonne e no CNRS. O autor do artigo colaborou com M.-V. em Paris, após 1970. A primeira edição de inéditos, designada por *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga* (2005), reúne em tradução portuguesa 3 estudos, ricos de ideias e de sugestões, coevos das teses de Doutoramento sobre Sócrates (Sorbonne 1949), bem como anotações esparsas e um trabalho incompleto dos anos 60 sobre a blocagem social do desenvolvimento técnico e científico na cidade antiga. Quanto à monografia *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Gênese e estrutura. Raízes Gnosiológicas e Sociais. Estudo de História Social das Ideias* (2013), é um estudo exaustivo e inacabado (que se prolongou por mais de 20 anos) da filosofia neokantista de António Sérgio. M.-V. destaca aí com a sua habitual proficiência “os ensinamentos positivos” que essa filosofia “indubitavelmente contém”, discutindo-a “sem compromissos ideológicos impossíveis”, mas com a largueza de ânimo “que um pensamento com a sua valia exige”.

Palavras-chave: Marxismo – Neokantismo – Filosofia Antiga – Sócrates – Sérgio.

RÉSUMÉ

Le thème de cet article – les deux premières éditions critiques d’inédits de Magalhães-Vilhena – est précédé d’un aperçu de sa pensée: le marxisme, le néokantisme dans les années 30, ses travaux majeurs à la Sorbonne et au CNRS, depuis 1945. L’auteur de l’article collabora avec M.-V. à Paris après 1970. La première édition d’inédits, appelée *Estudos Inéditos de Filosofia Antiga* (2005), réunit en traduction portugaise, trois études riches d’idées et de suggestions, contemporaines des thèses de doctorat sur Socrate (Sorbonne 1949), ainsi qu’un grand nombre de notes très variées et un travail incomplet des années 60 sur le blocage social du développement technique et scientifique dans la cité antique. La monographie *António Sérgio. O Idealismo Crítico: Gênese e Estrutura. Raízes Gnosiológicas e Sociais. Estudo de História Social das Ideias* (2013) est une étude monumentale qui se prolongea par plus de 20 ans, inachevée, de la philosophie néokantienne de António Sérgio (1883-1969). M.-V. y met en relief, avec sa maîtrise habituelle, “les enseignements positifs” que cette philosophie contient, tout en la discutant “sans compromis idéologiques impossibles”, mais avec la largeur d’esprit “qu’une pensée de sa valeur exige”.

Mots-clés: Marxisme – Néokantisme – Philosophie ancienne – Socrate – Sérgio.